



O MUNDO EM MUDANÇA: CONVERSAS SOBRE QUESTÕES PENDENTES E EMERGENTES

*Debate 1: "Feminismos essencialistas:
um desafio para a luta anti-patriarcal".*

O mundo em mudança: conversas sobre questões pendentes e emergentes

Debate 1: “Feminismos essencialistas: um desafio para a luta anti-patriarcal”.

Relatora: Mariana Carbajal

Tradução: Fábio Grotz

Revisão: Nana Soares

Editora: Sonia Corrêa

Desenho gráfico: Agência FW2 / <http://www.fw2.digital>

Realização:



Notas elaboradas a partir do webinar “Feminismos essencialistas: um desafio para a luta antipatriarcal”

Esclarecimento sobre a versão em português

A síntese do diálogo sobre feminismos essencialistas agora publicada em português foi originalmente elaborada e difundida em espanhol pois se dirigia basicamente ao contexto latino-americano. No entanto, dado os desdobramentos recentes do debate sobre o tema no Brasil, avaliamos que seria produtivo traduzir o texto para divulgação nacional. Nosso propósito é oferecer informações sobre a genealogia de controvérsias que parecem novas, mas que são muito antigas, assim como sobre o estado desses debates em outros contextos. Sobretudo, nos parece produtivo e necessário ampliar o arco de diálogos entre os feminismos e o campo de reflexão crítica sobre transgeneridade e de luta pelos direitos das pessoas trans.

Na sua versão original, as organizações que chamaram o diálogo sugeriam que o texto não fosse amplamente circulado, pois constituía um primeiro passo num esforço de mais longo prazo com vistas à articulação de uma posição coletiva de reafirmação de nossa posição como atores e atrizes do campo feminista transinclusivo. Contudo, considerando vários desdobramentos ocorridos desde então, essa cautela já não se faz necessária.

Finalmente, sugerimos que a análise que se segue seja situada em relação ao contexto mais amplo das [políticas antigênero na América Latina](#), que têm sido objeto de pesquisas coordenadas pelo Observatório de Sexualidade e Política (SPW) desde 2018.

Introdução

Os feminismos antigênero, também chamados feminismos transexcludentes ou essencialistas, são uma corrente de feminismos contemporâneos que remontam aos anos 70. Nos últimos anos, no entanto, assumiram novas formas e ganharam maior visibilidade e impacto político. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que, na América Latina, Europa e Estados Unidos, ganhavam corpo mobilizações políticas do conservadorismo religioso e da ultradireita secular nas quais as cruzadas antigênero desempenham um papel notável. Os feminismos antigênero habitam essa mesma ecologia e parecem estar se beneficiando de sua atmosfera, mesmo que se autodefinam como progressistas. Desde 2020, quando foi lançada a campanha global pelos direitos das mulheres baseadas no sexo, sua presença assumiu maior escala e visibilidade em nível global e, na região, seu impacto tem sido especialmente palpável no México e na Argentina e, com contornos um pouco diferentes, no Brasil e na Colômbia¹.

Como o campo dos feminismos antigênero é muito heterogêneo, é necessário identificar e analisar suas posições e vínculos, de modo a compreender melhor seu alcance e suas dinâmicas e desenhar respostas. Por essa razão, Promsex, Akahatá, o Observatório de Política e Sexualidade, Synergia e Puentes realizaram um webinar sobre o tema no dia 12 de Julho de 2022. Durante o encontro, moderado por Sonia Corrêa, ativistas e investigadoras de diferentes países e campos de atuação compartilharam suas visões sobre a questão.

Algumas das questões que buscavam responder eram as seguintes: Qual é a genealogia dos grupos que compõe estas correntes que estamos nomeando como essencialistas? Qual é o perfil das pessoas e organizações alinhadas com essas visões feministas biologizantes? Que retórica têm produzido? Quais são as suas ligações com os setores ultraconservadores? Que impacto seus discursos têm tido sobre as dinâmicas das políticas do gênero na região? Este artigo reflete os resultados e conclusões que emergiram das intervenções dos membros do painel e do intercâmbio que se seguiu com outros participantes.

Durante o webinar, Alejandra Sardá (Argentina), Diana Granados (Colômbia), Claire House (Reino Unido), Gloria Careaga (México) e Bruna Benevides (Brasil) apresentaram suas visões sobre a trajetória genealógica e efeitos dos feminismos essencialistas em contextos específicos. Em seguida, Mauro Cabral (Argentina), Juliana Martínez (Colômbia), Lilian Abracinskas (Uruguai) e María Luisa Peralta (Argentina) comentaram essas apresentações e levantaram questões adicionais. A conversa tinha como objetivo abrir um espaço de análise, reflexão e intercâmbio sobre o tema com vistas a firmar novos entendimentos e visões que possam ser úteis para iniciativas de ação política, acadêmica e social no campo dos direitos humanos e feminismos que estão sendo afetados pelos embates com os feminismos essencialistas.



¹ O conteúdo da Campanha em diversas línguas e a informação sobre os grupos e organizações a ela associadas podem ser acessados em <https://www.womensdeclaration.com/en/>

Um primeiro aspecto a sublinhar é que não são novas as discussões sobre qual deve ser o objeto dos feminismos. Na verdade, registra-se, com relação a essa pergunta, uma longa genealogia de tensões no interior dos feminismos. Na América Latina, elas remontam aos anos 1980, quando havia controvérsias entre feministas que tinham participado ou apoiavam a luta armada contra as ditaduras e aquelas que, com a recuperação das democracias, estavam envolvidas em processos de reformas legais ou participando de mecanismos dos direitos da mulher recém-criados. Além disso, no âmbito do feminismo lésbico, havia tensões entre as que estavam dentro e fora do “closet”. Paralelamente, registravam-se conflitos na relação com homens gays que demandavam seus direitos num momento-chave da pandemia de HIV/Aids, quando os estados começavam a responder à pandemia com políticas públicas.

Nos anos 1990, por efeito da crescente participação em espaços internacionais, como a IV Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim (1995), nos *Encuentros* regionais periódicos (EFLACS), um novo conflito se desdobrou entre as *supostamente autônomas* e as *supostamente institucionalizadas*. A linguagem usada na época recorria a termos como “puras” e “impuras”, de “traidoras” e “verdadeiras feministas”. Em 1996, no *Encuentro* Feminista do Chile deu-se uma fratura aberta, quando as feministas “autônomas” decidiram que iriam a partir daí a realizar as suas reuniões em separado.

Nos anos 2000, contudo, a discussão transitou dos debates sobre autonomia e integração dos feminismos às políticas de estado para questões acerca de “quem era ou não o sujeito do feminismo”. A discussão passou a girar em torno à categoria “mulher”, no singular, e desde então assumiu, não poucas vezes, uma retórica de ódio em relação às mulheres trans. Mas o movimento feminista regional, depois de muitos debates difíceis, concluiu que era preciso conviver com essa discordância ou diferença e as mulheres trans foram admitidas nos *Encuentros* feministas latino-americanos.

A novidade de agora é que as expressões feministas transexcludentes e antigênero não estão mais confinadas nos espaços internos do movimento, mas manifestam-se de forma flagrante e impactante nos debates públicos. Isso se dá desde 2020, com mais intensidade em países como México e Argentina e, com características um pouco diferentes, na Colômbia e no Brasil. O debate tornou-se áspero, sectário e, por vezes, violento.

BREVE CRONOLOGIA DE DES(ENCONTROS) FEMINISTAS E DE FEMINISTAS LÉSBICAS

Encontros feministas (EFLAC)	Encontros lésbico-feministas (ELFLAC)
Bogotá 1981, Lima 1983, Bertioga 1985, Taxco 1987 e São Bernardo 1990 - luta armada, democracia, relação com o estado	As lésbicas se reúnem em Lima pela primeira vez, num encontro separado. Cuernavaca 1987: primeiro encontro lésbico pré-EFLAC
El Salvador 1993, Cartagena (Chile) 1996, Santo Domingo 1999 - conflito entre “institucionalizadas” e “autônomas”. Chile: auge do conflito.	Começam os ELFLAC, alinhados com as “autônomas”.
Costa Rica - Depois de 2002, as águas mais ficaram mais calmas, e os <i>Encuentros</i> passaram a debater novos temas como desenvolvimento, negritudes, lesbianidades	México 2004 – Houve um debate acalorado na plenária sobre a inclusão de mulheres trans, sem que se chegasse a um acordo.
Brasil 2005 – Houve um debate em plenária sobre a inclusão trans, na qual a participação de mulheres trans foi aprovada.	Guatemala 2010 – deu-se uma fratura em torno à questão da inclusão trans e é criada a rede <i>Venir al Sur</i> .
México 2009 – Acontece o primeiro EFLAC com participação das pessoas trans.	

Também é importante compreender que essas correntes essencialistas fazem parte do cenário mais vasto de despolitização dos movimentos sociais, no sentido de que as disputas “internas” seriam, gradativamente, super dimensionadas frente aos desafios mais amplos da política. Em terceiro lugar, uma análise das manifestações dos feminismos essencialistas sugere que, em muitas circunstâncias, suas posições convergem, ideologicamente, com o repúdio ao gênero dos grupos ultraconservadores, seja em termos de narrativas biologizantes, seja no que diz respeito à sua incidência em organismos multilaterais. Desde 2020, essas correntes tem incidido de maneira tenaz na CSW, assim como no Comitê CEDAW e também atacando os informes de relatores especiais.

É importante mencionar que, na região, intervenções recentes destas vozes nos campos político, acadêmico e midiático, à primeira vista, parecem vir em posições opostas ao ultraconservadorismo. Mas, de fato, quando examinadas mais de perto, compartilham muitas das suposições conservadoras sobre gênero e transgeneridade, com o agravante de que se apresentam como posições legítimas moral ou politicamente, por que são posições construídas no interior do feminismo. Essa “legitimidade” lhes dá uma razoável imunidade.

Os feminismos excludentes opõem-se à autonomia de decisão, autonomia corporal e ao direito à identidade de gênero. Suas narrativas enfatizam o fantasma do “apagamento da mulher”. E, em geral, têm uma visão moral e conservadora acerca da sexualidade, do corpo e da reprodução. Posicionam-se como abolicionistas no debate em torno da prostituição, são contrárias à reprodução assistida que recorre à “barriga de aluguel” e, principalmente, defendem enfaticamente a premissa que as “mulheres biológicas” são a única categoria política do feminismo. Também parecem estar apegadas a uma hierarquia da violência, pois consideram mais relevantes as formas de violência que afetam as mulheres e as meninas. E, embora se pautem por uma hierarquização dos sistemas de opressão na qual a opressão sexual tem primazia, tendem a ignorar opressões de classe e decorrentes da racialização.

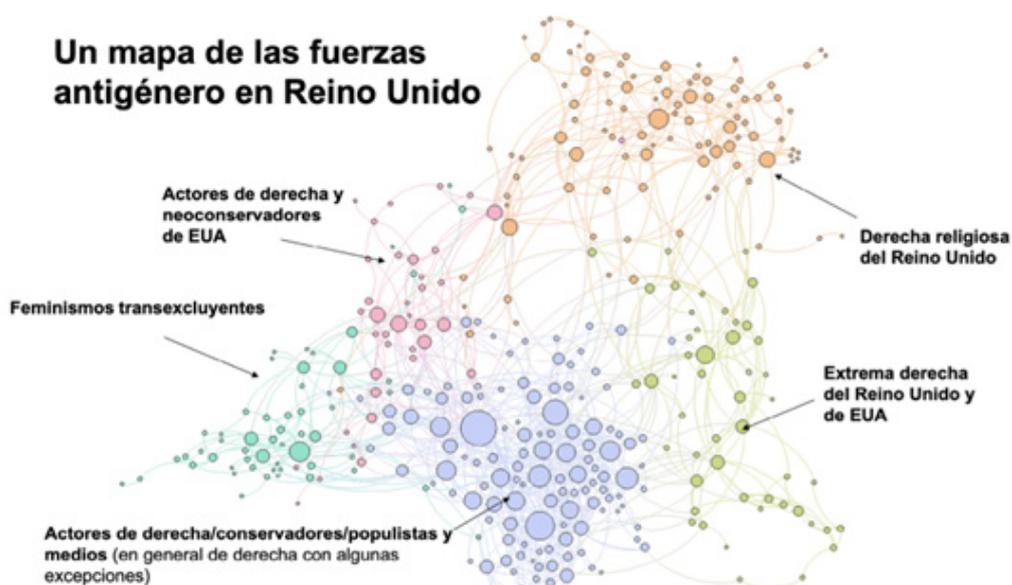
Em quarto lugar, a controvérsia em torno de seu posicionamento sobre a categoria “mulher/mulheres” deve ser situada em relação à ideologia cissexista e transfóbica. Essas correntes não reconhecem o cissexismo como ideologia dominante, e esse não-reconhecimento está na origem de suas posições transfóbicas. Entre outras diatribes, as feministas essencialistas acusam as mulheres trans de estarem “destruindo o movimento feminista” por dentro. Também tendem a minimizar as lutas sociais e populares mais amplas dos feminismos: para elas a única luta que conta é a das mulheres contra o sexismo e o patriarcado.

Pesquisas e mapeamentos desenvolvidos em países como Colômbia e Reino Unido permitem identificar algumas das características mais marcantes destes grupos, inclusive no que diz respeito a ligações com movimentos antigênero do campo ultraconservador.

Na Colômbia, por exemplo, dados preliminares de uma investigação realizada pelo Fundo Lunária, embora tenha identificado o crescimento da sua presença no debate público digital, não detectou uma maior articulação entre os vários grupos que compartilham visões transexcludentes. Nesse país, os coletivos feministas essencialistas surgiram, principalmente, em cidades pequenas e suas participantes são predominantemente estudantes universitárias brancas que têm pouca consciência ou conhecimento sobre como o feminismo interage com outras lutas político-sociais. É interessante observar que muitos desses grupos estão concentrados em áreas onde se registram elevados níveis de violência de gênero e, em particular, de feminicídios. A pesquisa detectou, também, a existência de programas de formação de ativistas, o que sugere que deve haver um fluxo de recursos financeiros para apoiar essas iniciativas.

Notas elaboradas a partir do webinar “Feminismos essencialistas: um desafio para a luta antipatriarcal”

No Reino Unido, de acordo com a investigação realizada pela GATE (Global Action for Trans Equality)², este ativismo está em franca ascensão e seus efeitos têm sido dramáticos. Embora as feministas essencialistas britânicas afirmem não ter laços com os ultraconservadores religiosos ou com o populismo de direita, a análise feita sobre o debate digital mostra como esses ecossistemas se retroalimentam. Embora o conteúdo de seus discursos não tenha mudado muito ao longo do tempo, seus focos e argumentos têm se modificado. Para além da ênfase nos fundamentos biológicos do sexo como definidores dos direitos das mulheres, essas correntes usam, cada vez mais, argumentos baseados no direito à liberdade de expressão segundo os quais suas posições, mesmo que sejam transfóbicas, podem ser livremente manifestadas. Também têm recorrido ao discurso de “proteção das crianças” para repudiar intervenções médicas que qualificam como impróprias. Na sua visão, os debates sobre a garantia de direitos humanos são jogos de soma zero, ou seja, “os meus direitos contra os dos outros”. E isso é muito problemático.



No Brasil, país que se tornou foco de atuação destes ativismos em anos recentes, esses grupos parecem ter acesso a recursos nacionais e internacionais. Sua ação está colocando em risco os avanços legais alcançados em anos recentes em matéria de direitos trans, ou demandas que ainda estão sendo processadas, como a possibilidade das pessoas trans escolherem o pavilhão prisional em que preferem ser encarceradas. Além disso, algumas destas feministas essencialistas têm ligações orgânicas com as forças de ultradireita que estavam no poder federal até as eleições de 2022.



2 Acesse em inglês aqui: <https://gate.ngo/mapping-anti-gender-movements-in-the-uk/>

Notas elaboradas a partir do webinar “Feminismos essencialistas: um desafio para a luta antipatriarcal”

Entre os vários desafios que surgiram a partir das intervenções do painel e debates subsequentes, o primeiro deles diz respeito a encontrar uma nomenclatura adequada para esses movimentos. Ou seja: como nomear feminismos antigênero ou feminismos transexcludentes? Para várias/os dos participantes do debate, “feministas radicais” a autodefinição usadas por essas correntes, é um termo que pode ter muitos outros significados e por isso deve ser questionado. A partir dessas trocas, surgiu a proposta de que essas correntes não sejam nomeadas como “feminismos TERF”, uma vez que esta terminologia assumiu um significado acusatório que deveria ser evitado, e perguntou-se se “feminismos essencialistas” seria uma boa opção de nomenclatura.

Outro desafio importante identificado diz respeito a construir uma contranarrativa que responda aos argumentos e visões dessas correntes com argumentos sólidos. Como, por exemplo, lembrar sempre que abordagens biologizantes esquemáticas baseiam-se em ciência de má qualidade e apelos ao senso comum.

Além disso, foi salientada a importância de identificar e criticar a convergência destas correntes feministas não só com as posições antigênero do conservadorismo religioso e da ultradireita, mas também com a posição de formações racistas, colonialistas e extrativistas. Entender melhor essas sobreposições poderá abrir espaço para o estabelecimento de estratégias conjuntas com outros movimentos - não apenas os movimentos trans - para responder conjuntamente às visões excludentes e muitas vezes agressivas dos feminismos essencialistas. Por outro lado, também é crucial resgatar a universalidade dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, repolitizar os feminismos. É preciso rever o objetivo dos feminismos e repensar nossas lutas contra um sistema binário, excludente, patriarcal e xenófobo e encontrar novos caminhos que tornem a visão política dos feminismos plural e atrativa.

Finalmente, surgiu no debate uma questão que não foi conclusivamente respondida: é possível estabelecer um diálogo produtivo com estas correntes? Para algumas/uns dos participantes, esse diálogo é hoje impossível devido ao dogmatismo dos grupos feministas essencialistas e à violência que caracteriza suas posições e ataques. Para outras pessoas, contudo, um maior investimento em pesquisas pode abrir oportunidades de conversação e de “empatia”, sobretudo com grupos mais jovens. Explorar melhor esta questão é talvez o próximo passo a ser tomado nesse esforço regional de reflexões iniciado com o webinar de julho de 2022.

Para terminar, compartilhamos o excerto de [uma entrevista](#) com Judith Butler no jornal El País que trata do debate sobre acesso de mulheres trans aos banheiros femininos, uma das controvérsias mais antigas e agudas suscitadas pelas posições feministas essencialistas:

“A feminista que defende este ponto de vista (que as mulheres trans não podem usar um banheiro feminina) assume que o pênis define a pessoa, e que qualquer pessoa com um pênis se identificaria como uma mulher para entrar nesses banheiros,

Notas elaboradas a partir do webinar “Feminismos essencialistas: um desafio para a luta antipatriarcal”

representando assim uma ameaça para as mulheres que os utilizam. Essa feminista assume a posição que o pênis é uma ameaça, ou que qualquer pessoa que tenha um pênis e se identifique como mulher está recorrendo a uma forma vil, enganadora e prejudicial de disfarce. Essa rica fantasia rica deriva de medos muito poderosos, mas que não descreve uma realidade social. As mulheres trans são frequentemente discriminadas nos banheiros masculinos e os seus modos de autoidentificação são formas de descrever uma realidade vivida que não pode ser capturada ou regulada pelas fantasias que nelas tem sido investidas. O fato de estas fantasias tenham se tornarem um tema do debate público é, em si mesmo, um motivo de preocupação”.

● PARA APROFUNDAR A DISCUSSÃO

Insumos e materiais transinclusivos

- [Judith Butler](#) e [Rita Segato](#) falam sobre os vieses dos feminismos essencialistas.
- Os dois informes elaborados por Víctor Madrigal, o Especialista Independente para Direitos Humanos, Orientação Sexual e Identidade de Gênero: [El Derecho a la Inclusión](#) y [Prácticas de Exclusión](#).
- Um recurso desenvolvido por Puentes que explora a [recente discussão entre vozes transinclusivas e “críticas de gênero” no Twitter e no Facebook na América Latina](#).
- Entrevista com a bióloga Lu Ciccía: [Cérebros explotados: como a ciência colocou o binarismo na nossa cabeça](#).
- O que é o transfeminismo na América Latina. Durante 2021, Sentiido desenvolveu uma investigação sobre o significado e a situação dos transfeminismos na América Latina. Estes são os resultados: <https://sentiido.com/que-es-el-transfeminismo-en-america-latina/>
- Instagram post on @alokvmenon sobre feminismo branco e transfeminismo: <https://www.instagram.com/p/CYjt5mUJPF/>
- [TSQ: Transgender Studies Quarterly](#)
- TERF Wars: [Feminism and the fight for Transgender futures](#)
- [Trojan horses in human rights spaces: anti-rights discourses, tactics and their convergences with trans-exclusionary feminists](#)
- Análise das narrativas trans no Twitter: [o ódio é altamente coordenado, mas não é maioria](#)
- Entrevista com Sonia Corrêa: [A categoria ‘mulher’ já não serve a luta feminista](#)

Insumos essencialistas

[Organizaciones feministas alertan a la ONU sobre lobbies contrarios a la igualdad entre sexos](#)

[Respetemos los sexos, eliminemos los géneros: la cuestión trans.](#)

[Declaration on Women’s Sex-Based Rights: Full Text](#)

[Real feminists don’t need strongmen](#)